Comemoração aos 200 anos da "Fenomenologia do Espírito" de Hegel

Fortaleza
2007

Série Filosofia

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional

Editora Universidade Federal do Ceará UFC
Av. da Universidade, 2995 Benfica Fortaleza Ceará
CEP: 60020-181-Tel/Fax: (085) 33667485
Internet: www.editora.ufc.br Email: editora@ufc.br

Divisão de Editoração
Edição
Prof. Antônio Claudio L. Guimarães
Revisão de Texto
Prof. Vianney Mesquita

Capa do n.6 da Série
Ademar Cason

Diagramação e Formatação

Rua Dom Jerônimo, 260 – Otávio Bonfim
Telefax: (85) 3281.2841 – Fortaleza – Ceará
realceditora@veloxmail.com.br • realceditora@hotmail.com

Bibliotecária: Lucélia Mara de Souza Serra- CRB3-886

C732 Comemoração aos 200 anos da "Fenomenologia do Espírito" de Hegel / Eduardo Ferreira Chagas; Konrad Utz; James Wilson J. de Oliveira (orgs.). - Fortaleza: Edições UFC, 2007. – (Série Filosofia)

Vários autores.
ISBN 858921615-2

1. Filosofia alemã. 2. Idealismo alemão. 3. Hegel I. Chagas, Eduardo Ferreira. II. Utz, Konrad. III. Oliveira, James Wilson J. de. IV. Título V. Série.

CDD 193
CDU 13

6

O MOVIMENTO DIALÉTICO DA INTRODUÇÃO AO SISTEMA DA CIÊNCIA – O PREFÁCIO À "FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO"

Mestrando Marcos Fábio Alexandre Nicolau
UFC/CAPES

> "A dialética nada mais é do que o espírito da contradição ordenado, e metodicamente cultivado, alguma coisa que se encontra em todos os homens, o dom supremo de distinguir o verdadeiro do falso"[1].

Georg Whilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) foi, certamente, o último pensador moderno de incontestável importância. Integrante do chamado *idealismo alemão*, a filosofia de Hegel é um dos últimos modelos de pensamento abrangente da grande tradição filosófica, tornando-se um dos pilares para a compreensão tanto do pensamento de sua época, quanto do vindouro. Ao comemorarmos os 200 anos de sua ***Fenomenologia do Espírito***, pensamos: como honrar Hegel, esse *espírito nobre, herói da razão pensante* – como ele mesmo se referiu àqueles que compunham a História da Filosofia, da qual agora faz parte – senão no entregar-se à *seriedade*, à dor, à *paciência do conceito* e ao *trabalho do negativo*. A isso nos propomos neste ensaio so-

[1] Conversa de Hegel com Goethe sobre a dialética, registrada por Eckermann e citada por ARANTES, Paulo. E. **Origens do Espírito de Contradição Organizado.** In: **Ressentimento da Dialética**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 213.

bre o ***Prefácio* à *Fenomenologia***, onde Hegel expõe o conceito de *dialética*, assim como trata do aparecimento do *Espírito* no mundo e o desenvolvimento da *autoconsciência*.

Como dito, a importância da dialética hegeliana vai além de seu próprio sistema[2], pois teve grande influência em sua época e se tornou umas das correntes formadoras do pensamento contemporâneo por meio de sua leitura pelos marxistas, pelos existencialistas, pela hermenêutica (Gadamer) e pela teoria crítica da Escola de Frankfurt (Adorno, Habermas), e não só a Filosofia, mas também a Sociologia (Weber) e a Psicologia (Lacan), entre outras ciências, consideram de suma importância o método dialético hegeliano.

Hegel desenvolve uma filosofia especulativa unificadora de *lógica* e *ontologia*, desconstruindo as relações de sujeito-objeto e forma-conteúdo, da forma como eram até então tratadas, promovendo a interpretação do real como a última instância de um desenvolvimento racional e dialético. Concebe a Filosofia como uma das formas em que o *Espírito Absoluto* se manifesta, devendo ela ser reconhecida como verdadeira ciência, daí a famosa meta hegeliana: "Colaborar para que a filosofia se aproxime da forma de ciência – da meta em que deixe de chamar-se amor ao saber para

---

[2] *Sistema* deve ser compreendido segundo a exposição de Kant em sua *Crítica da Razão Pura*, onde expõe: "Ora, por sistema, entendo a unidade de conhecimentos diversos sob uma idéia. Esta é o conceito racional da forma de um todo, na medida em que nele se determinam *a priori*, tanto o âmbito do diverso, como o lugar respectivo das partes. O conceito científico da razão contém assim o fim e a forma do todo que é correspondente a um tal fim. A unidade do fim a que se reportam todas as partes, ao mesmo tempo que se reportam umas às outras na idéia desse fim, faz com que cada parte não possa faltar no conhecimento das restantes e que não possa ter lugar nenhuma adição acidental, ou nenhuma grandeza indeterminada da perfeição, que não tenha os seus limites determinados *a priori*." KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 5ª edição. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: FCG, 2001, p. 669, A832, B860. Hegel assumirá essa noção de sistema e seu associar à *ciência* (*Wissenschaft*), defendendo que "Um filosofar *sem sistema* não pode ser algo científico... Um conteúdo só tem sua justificação como momento do todo; mas fora dele, tem uma hipótese não fundada e uma certeza subjetiva". HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas** – *Vol. I: a Ciência da Lógica*. Tradução Paulo Menezes, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 55, §14.

ser *saber efetivo* – é isto o que me proponho"[3]. A verdadeira ciência é para Hegel aquela que emprega determinações de pensamento que serão desenvolvidas sistematicamente, desdobrando-se em si mesmas, recolhendo-se e mantendo-se junto à unidade, ou seja, numa *totalidade*.

A exposição de seu sistema, mesmo em linhas gerais, é o que melhor possibilita a elucidação em coerência com a dimensão que a dialética obtém em sua Filosofia. Porém, alerta Lima Vaz, sobre a estrutura do método dialético no sistema hegeliano:

> Não pensemos essa estrutura como uma forma abstrata a ser aplicada a uma matéria que lhe é extrínseca. Não se trata de um método definido e acabado anteriormente a sua possível aplicação, mas é um roteiro imanente de desenvolvimento racional do próprio conteúdo e que permite explicar e articular a sua racionalidade nos seus momentos fundamentais. Essa é a razão pela qual Hegel não nos deixou um *discurso do método dialético*. Se se quiser encontrar em sua obra indicações sobre *o que seja* dialética, temos que recorrer àqueles textos nos quais ele reflete sobre o movimento dialético já cumprido, ou explica os momentos constitutivos do percurso dialético[4].

A compreensão do termo dialética é pressuposto

---

[3] HEGEL, G.W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Menezes com colaboração de Karl-Heinz Efken. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 23.

[4] LIMA VAZ, Henrique C. de. **Por que ler Hegel Hoje?** In: DE BONI, Luís A. (org). **Finitude e Transcendência**. Porto Alegre: Edipucrs, 1995. p 222-242, p. 229-230.

irrenunciável de quem se ocupa com a filosofia de Hegel, ainda que quem se esforce por uma reconstrução do método hegeliano encontre ferrenhas dificuldades pelo já dito por Lima Vaz; pois, ainda que tal termo possua rica e extensa história, é evidente que Hegel não tomava para si o termo dialético sem saber o que fazia, pois desviou em seu proveito toda uma linha de pensamento e adaptou-o a sua necessidade[5]. Hegel marca a história desse termo porque concebe a dialética como um processo no qual a contradição não mais é o que deve ser evitado, mas, ao contrário, como ele mesmo diz no primeiro volume da **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**[6], se transforma na própria *alma motriz* do pensamento e, logo, da própria ciência. Hegel põe a contradição no próprio núcleo do pensamento e das coisas, simultaneamente. O pensamento não é mais estático, ele procede por meio de contradições *superadas* e *guardadas*, como num diálogo em que a verdade surge a partir da discussão e das contradições. Uma proposição não pode se pôr sem se opor a outra em que a primeira é negada, transformada em outra que não ela mesma. Essas proposições se solicitam umas às outras, e, apesar de opostas, tendem a formar uma "unidade de contrários". Tal relação é a *dialética*, na qual por sua interdependência, nenhuma dessas proposições pode existir sem estar em diálogo com as demais. Assim, a primeira proposição encontrar-se-á finalmente transformada e enriquecida numa nova fórmula que era, entre as duas precedentes, uma ligação, uma *mediação*, uma *reflexão*.

Todos sabem a história de como Hegel, em outubro de 1806, em plena batalha de Jena, compôs as páginas finais da ***Fenomenologia do Espírito***, ainda sob o rugir dos canhões de Napoleão aos seus ouvidos.

---

[5] Cf. D'HONDT, J. **Hegel e o hegelianismo.** Lisboa: Editorial Inquérito, 1982, p. 101.

[6] HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas** – *Vol. I: a Ciência da Lógica*. op. cit. §81, p. 163.

O ***Prefácio***[7] para a obra, completado poucos meses mais tarde, em janeiro de 1807, reflete a excitação revolucionária da época. Hegel escreve aí que "não é difícil ver que nosso tempo é um tempo de nascimento e trânsito para uma nova época. O espírito rompeu com o mundo de seu ser-aí e de seu representar, que até hoje durou; está ao ponto de submergi-lo no passado, e se entrega à tarefa de sua transformação. Certamente, o espírito nunca está em repouso, mas sempre tomado por um movimento para a frente".[8]

A revolução de que ele falava não é meramente na política, mas na *filosofia*, tornando-a ciência verdadeira em vez do mero *amor à ciência*. É para esta revolucionária transformação que Hegel vê na ***Fenomenologia*** a primeira e principal contribuição a esse projeto. Assim apresenta o ***Prefácio*** à obra:

> No Prefácio, o autor se explica sobre o que lhe parece ser a exigência da Filosofia em seu ponto de vista presente; (bem como), além disso, sobre a presunção e o sem-sentido das fórmulas filosóficas que nos dias de hoje degrada a Filosofia, e (enfim) sobre o que em geral convém a ela e ao seu estudo.[9]

[7] O *Prefácio à Fenomenologia* foi escrito por G. W. F. Hegel nos primeiros dias do ano de 1807, em Barberg, onde corrigia as provas para a edição da obra. É, pois, mais propriamente um *Posfácio*, no que diz respeito à *Fenomenologia*, e constitui, na realidade, uma grandiosa introdução ao *Sistema da Ciência*, que Hegel projetava publicar na época, e do qual a *Fenomenologia* seria justamente a primeira parte, como reza o frontispício da edição original. O projeto de Hegel, cuja realização deveria prosseguir com a publicação da *Ciência da Lógica* (1812-1816), foi aparentemente abandonado a partir da 1ª edição da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (1817). Na preparação da 2ª edição da *Fenomenologia*, interrompida pela morte (1831), Hegel suprimiu do título a parte que reza: *Sistema da Ciência, Primeira parte*, deixando simplesmente *Fenomenologia do Espírito*, título que prevaleceu a partir da edição de J. Schulze (1832). Cf. LIMA VAZ, Henrique C. de. Tradução parcial da **Fenomenologia do Espírito** (do Prefácio à Percepção). In: **Hegel**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 11, nota 1. (Coleção os Pensadores, vol. XXX)

[8] HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. op. cit. p. 26.

[9] HEGEL, G.W.F. **Auto-anúncio de Hegel sobre a Fenomenologia do Espírito (1807)**. Tradução de Manuel Moreira da Silva. Disponível em http://br.groups.yahoo.com/group/gt_hegel, versão corrigida em 21/01/2006. Acessado em 18 de Fevereiro de 2006. §3.

O ***Prefácio*** é, assim, a exposição desse projeto de transformação da Filosofia em Ciência. Em primeiro lugar, ele envolve o repúdio da perspectiva romântica, associada aos amigos do *Seminário de Tübingen*, Hölderlin e Schelling – caracterizando, pela primeira vez, as divergências de Hegel em relação a esse último –, que pensaram que a verdade absoluta pode ser apreendida apenas na intuição ou no sentimento imediato, o que para Hegel é o assumir de um *absoluto vazio*. Lembre-se de que, em seus dias de juventude, Hegel compartilhara com Hölderlin e Schelling a aspiração de superar a dicotomia da Filosofia crítica de Kant, em particular, sua recusa da obtenção do conhecimento do absoluto ou da *coisa em si*. Na ***Fenomenologia***, Hegel não abandona essa aspiração, mas rejeita as concepções do conhecimento absoluto de Hölderlin e Schelling. O que Hegel critica é esse intuicionismo metafísico, com o qual se consegue dar uma explicação e um desdobramento do absoluto, mas não se consegue apresentar a comprovação da passagem do absoluto como indiferença simples às idéias especiais e à multiplicidade do mundo. Desse modo, essa concepção, argumenta Hegel, dissolve a rica diferenciação e determinação do conteúdo do mundo em uma *noite em que todos os gatos são pardos*.[10]

Descordando dessa concepção romântica, Hegel desenvolve a própria compreensão do *conhecimento absoluto* como um produto de um processo dialético de mediação e autodiferenciação. O absoluto não pode ser encontrado na apreensão imediata de alguma unidade primordial, mas apenas no fim de um processo pelo qual essa unidade imediata é negada e reflexivamente diferenciada antes de ser restaurada na identi-

---

[10] Sobre a divergência de Hegel e Schelling quanto a essa questão, veja-se DÜSING, Klaus. **Georg Whilhelm Friedrich Hegel**: *Idealismo especulativo e dialética*. In: FLEISCHER, Margot., HENNIGFELD, Jochem. (orgs.). **Filósofos do Século XIX** – *Uma introdução*. Tradução de Dankwart Bernsmüller. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004, p. 90-112. (Coleção História da Filosofia, v. 7); e SCHUBACK, Márcia Sá C. **O começo de Deus**: *A filosofia do devir no pensamento tardio de F.W.J. Schelling*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 79-92.

dade, pois na ***Fenomenologia***, assim como na ***Ciência da Lógica***, a idéia geral que emerge é a de que o *ser* não está dado, mas que ele *é o que se faz a si mesmo*[11]. Hegel resume sua posição, declarando que "tudo decorre de entender e exprimir o verdadeiro não como *substância*, mas também, precisamente, como *sujeito*"[12]; isto é, o absoluto não é algum tipo de "coisa" inerte, mas o produto de um processo de autoposição, autodiferenciação e autodeterminação. Para esse autodesenvolvimento cognitivo, Hegel dará o nome de "conceito".

Nesse contexto, Hegel busca expor sobre a verdade, propondo-se a tarefa de construir a ciência, ou melhor, o *conceito*. Isso porque para ele a verdade está na cientificidade contida *no conceito*. O conceito é o absoluto e é o verdadeiro, pois "só o absoluto é verdadeiro e só o verdadeiro é absoluto"[13]. A verdade deve ser compreendida como um movimento, como um desenvolvimento progressivo do verdadeiro, pois em Hegel a verdade está em devir: "O verdadeiro é o todo. Mas o todo é somente a essência que se implementa através de seu desenvolvimento"[14]. Pensa assim que a Ciência Filosófica, para se efetivar como verdadeira e absoluta, é no seu *aparecer* um saber que não se mostra ainda como ciência livre, pois se move peculiarmente como o trajeto da consciência natural que abre passagem rumo ao saber verdadeiro. O absoluto, o saber verdadeiro, se manifesta, *aparece*; porém, isso não significa que se possa chegar a ele sem passar por esse *movimentar* próprio da consciência. Tal consciência natural é a consciência sensível, o ter certeza de que uma coisa é. Importa para Hegel traçar o caminho na inverdade daquele saber fenomenal, já que esse saber tem por mais real aquilo que, na verdade, é somente o

---

[11] Cf. TIMMERMANS, Benoît. **Hegel**. Tradução de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 76. (Coleção Figuras do Saber; v.12).
[12] HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. op. cit. p. 29.
[13] Ibidem. p. 64.
[14] Ibidem. p. 31.

conceito irrealizado. Para Hegel, é preciso o empreendimento de construção desse conceito que será realizado, sendo concreto e científico. Por isso, a ***Fenomenologia***, antes de ser uma introdução didática ao sistema, é uma *justificativa científica*, como bem disse Jaeschke.[15]

Hegel percebe que o método do saber na Filosofia atual era algo compreendido em si mesmo, atuando externamente à coisa. Contrariamente, baseando-se no ideal grego, Hegel concebe o método como uma ação da própria coisa, o que é completamente diferente da passividade encontrada no formalismo. No método exposto no ***Prefácio***, a ação e o esforço do indivíduo não são arbitrários, mas desenvolvimentos imanentes ao pensamento, pois pensar significa desenvolver uma coisa em suas próprias conseqüências. Aqui o desenvolvimento dialético do pensamento é uma ação da própria coisa; ele é imanente à coisa, ele é seu movimento, que é experimentado pelo pensamento. É união de ser e pensar. Cabe ressaltar que a expressão "a coisa mesma" veicula a natureza do método e do ato reflexivo e especulativo, pois não é a Filosofia um discurso acerca da coisa, mas a sua auto-exposição, e o que se pretende nesse ***Prefácio*** não é proceder por aproximação exterior e circunstancial, mas sim *estar na coisa e a abandonar-se a ela*, nessa unidade do ser e do processo que o engendra, o que nos remete a reconhecer nesse *abandono à coisa mesma* o segredo da dialética[16].

Para tanto, se deve renunciar ao *entendimento tabelador*, esse *formalismo* que não sabe trabalhar com o *jogo dos opostos* da dialética especulativa. Hegel salienta, logo no início do ***Prefácio***, que, para tal

[15] Cf. JAESCHKE, Walter. **O divino em todas as partes do sistema**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, edição 217, p. 10-19, 30 de Abril. 2007. Entrevista. Disponível em: www.unisinos.br/ihu.
[16] Cf. HEGEL, G.W.F. **Prefácios.** Tradução, introdução e notas de Manuel J. Carmo Ferreira. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional. 1990. p. 72, nota 2.

formalismo, a oposição entre verdadeiro e falso é algo fixo; espera-se que, por exemplo, se aprove ou se rejeite um sistema filosófico existente; e, numa explicação sobre tal sistema, só se admite uma ou outra dessas atitudes. Não é concebida a diferença entre os sistemas filosóficos como o desenvolvimento da verdade; para ele, diversidade significa unicamente contradição. O broto desaparece na eclosão da flor e poder-se-ia dizer que aquele é refutado por esta; do mesmo modo, o fruto declara que a flor é uma falsa existência da planta e a substitui como verdade da planta. Assim, cada momento é independente dos outros, mas não se pode negar que se relacionam, e é aí que erram os métodos expostos e criticados pelo filósofo. Cada momento visa como resultado o posterior, que acaba por ser uma extensão sua que não o é mais, mas que o traz intrinsecamente. Aparentemente, essas formas (da planta) não só se diferenciam, como também se suplantam incompativelmente. Sua natureza cambiante, porém, faz delas momentos da planta em que não só não estão em conflito, mas em que tanto um quanto outro *são necessários*; e essa igual necessidade faz a vida do conjunto; mas, comumente, não é assim que se compreende a contradição, no nosso exemplo, entre sistemas filosóficos; e, diz Hegel, o espírito que apreende a contradição habitualmente não sabe liberá-la ou conservá-la livre de sua unilateralidade, reconhecendo na forma, do que parece se combater e se contradizer, momentos mutuamente necessários.

É inexato crer, ao declarar que a forma é igual à essência, que o conhecimento possa se satisfazer com o *em-si* ou a intuição absoluta da forma, dispensando o acabamento da forma e o desenvolvimento da essência. Precisamente porque, como diz Hegel, *a forma é tão essencial à essência quanto a essência a si própria*, não devendo apreendê-la ou exprimi-la apenas como essência, isto é, como substância imediata ou pura intuição de si, mas também como forma e em toda riqueza da forma desenvolvida. Só então é que ela é

concebida e expressa como atual. A verdade é o todo, mas o todo não é senão a essência que se conclui por seu desenvolvimento. Diga-se do absoluto que ele é essencialmente resultado, que ele não é senão por fim o que ele é em verdade, e é nisto precisamente que consiste sua natureza de ser sujeito atual ou ser em devir.

Nesse desvelar do caminho que a consciência percorre, o leitor da ***Fenomenologia*** deve considerar o resultado como o mesmo que o começo, pois, para Hegel, o começo também é resultado. Como diz Chagas,

> Hegel inclui igualmente com o começo o fim, pois sua filosofia, como expressão completa da liberdade do espírito, é, a rigor, um sistema, que não se apóia sobre a contemplação sensível, mas sobre o pensar que se pensa a si mesmo, por isso aquilo, que é primeiro, é também último para si mesmo, e assim volta o fim para o começo.[17]

O fim tem seu desenvolvimento a partir do começo, pois, aqui nesse começo, todas as determinações internas, que constituem o fim, estão já em si contidas. Todo começo possui uma natureza dialética, pois é ele tanto um imediato, um pressuposto, um marco zero de onde se parte, quanto é um mediato, pois somente é reconhecido como começo ao se chegar ao resultado, ou seja, pelo desenvolver do processo, pois apenas no fim é que o começo é verdadeiro e efetivo:

---

[17] CHAGAS, Eduardo F. **A Questão do Começo na Filosofia de Hegel** – *Feuerbach: Crítica ao Começo da Filosofia de Hegel na Ciência da Lógica e na Fenomenologia do Espírito*. In: Revista Eletrônica de Estudos Hegelianos, Recife/PE, v. 2, n. 01, (2005). Disponível em http//:www.hegelbrasil.org/rev01e.htm. Acessado em 18 de Agosto de 2005.

> A questão do começo converte-se deste modo no lugar sistemático do reconhecimento e da justificação do projeto hegeliano de uma filosofia que quer para si o estatuto, não de *amor ao saber*, mas de *saber efetivo*[18].

A ***Fenomenologia do Espírito*** se apresenta realmente como a ciência da caminhada que faz a consciência. Sendo a *ciência da experiência da consciência*[19], é a via de acesso, segundo Hegel, para a Filosofia se mover na direção do *saber absoluto*, com adequação de certeza do sujeito à verdade do objeto. E a dialética como automovimento do conceito é método da Filosofia, não como *órganon*, instrumento, mas como sua própria essência. Sobre isso Heidegger é incisivo:

> Hegel designa "dialética especulativa" também simplesmente como "o método". Com esta expressão ele não se refere a um instrumento da representação, nem apenas a uma particular maneira de a filosofia proceder. "O método" é o mais intimo movimento da subjetividade, "a alma do ser", o processo de produção através do qual a tessitura da totalidade da realidade do absoluto é efetivada. O método, quer dizer, a dialética especulativa, é para Hegel o rasgo essencial de toda realidade.[20]

Podemos afirmar que a dialética, concebida em Hegel no ***Prefácio***, consiste em um processo onde se

[18] HEGEL, G.W.F. **Prefácios.** op. cit. p. 10.
[19] Esse é primeiro título que Hegel propõe à obra.
[20] HEIDEGGER, M. **Hegel e os gregos.** Tradução de Ernildo Stein. In: **Sartre - Heidegger.** São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 405. (Coleção os Pensadores, vol. XLV)

dá o fluxo do ser *em-si* (objeto) e do ser *para-si* (sujeito, reflexão), tendo a dialética como princípio para se atingir o conhecimento do *Absoluto*, pois, "a progressão dialética não reenvia fastidiosamente ao mesmo, tem um sentido ascendente e é matriz do novo, é ação livre"[21]. O método dialético está na estrutura do resultado (objeto filosófico), que no ***Prefácio*** se apresenta como uma reconstrução e seguimento do movimento efetivo da própria coisa. Aqui está o grande progresso que o método hegeliano, na ***Fenomenologia,*** traz: não considerar apenas *o processo do fazer*, como era tido o método, mas também o que é produzido por esse *fazer*, aquilo que exterioriza, que faz aparecer o devir em questão; o produtor e o produzido, o sujeito e o objeto, estão entrelaçados, são imanentes um ao outro.

Qualquer sistema de filosofia, para Hegel, somente será legitimado se incluir tanto o estado positivo quanto o negativo do resultado, reproduzindo o processar no qual há um momento de falsidade no resultado, que no prosseguir torna à verdade. A dialética revela a negatividade existente no resultado, negatividade que deve sim ser ultrapassada, mas não rejeitada e esquecida, pois ela constitui também o resultado em seu *reconquistar da verdade*; reconquista que só é efetiva no *vir-a-ser-de-si-mesmo*, ou seja, ao se considerar seu desenvolvimento, a *passagem* que contém um *tornar-se outro*, que é uma mediação. Aqui, nesse reconhecimento do *negativo*, é que se encontra o cerne do método especulativo. Hegel sabe que para muitos tal asserção é chocante, produz um *horror*, mas sabe ele que esse momento não pode ser excluído do verdadeiro, sendo um *desconhecer da razão* sua não-inclusão no absoluto. Cabe lembrar que para Hegel a razão é dialética, e o não-pensar dialeticamente é a grande dificuldade a ser resolvida[22].

---

[21] HEGEL, G.W.F. **Carta a Isaak von Sinclair**, início de 1813, Briefe, II, 4. Citado por Manuel J. Carmo Ferreira In: HEGEL, G.W.F. **Prefácios**. op. cit. p. 23.
[22] Cf. HEGEL, G.W.F. **Ciencia de la Logica** – *2 vols*. Tradução de Augusta e Rodolfo Modolfo. Buenos Aires: Librarie Hachette, 1976, p. 134-136, nota 4.

Isto porque, "a filosofia, ao contrário, não considera a determinação *inessencial*, mas a determinação enquanto essencial. Seu elemento e seu conteúdo não é o abstrato e o inefetivo, mas sim o *efetivo*, que se põe a si mesmo e é em si vivente: o ser-aí em seu conceito. E o processo que produz e percorre os seus momentos; e o movimento total constitui o positivo e sua verdade. Movimento esse que também encerra em si o negativo, que mereceria o nome de falso se fosse possível tratar o falso como algo de que se tivesse de abstrair. Ao contrário, o que deve ser tratado como essencial é o próprio evanescente; não deve ser tomado na determinação de algo rígido, cortado do verdadeiro, deixado fora dele não se sabe onde; nem tampouco o verdadeiro como um positivo morto jazendo do outro lado".[23]

Tal é o método hegeliano, *que não é outra coisa que a estrutura do todo*, por isso não pode ser descrito de maneira formal, como o fez Descartes, com um livro específico descrevendo suas etapas. Ele é imanente à coisa, constitui-lhe o ser, sendo, portanto, descrito no próprio desenvolver dela mesma.

É interessante encontrarmos no ***Prefácio*** o parecer de Hegel sobre o modelo triádico, provindo de Kant e assumido por Fichte, que muitos autores de Histórias da filosofia têm como próprio de Hegel[24]; porém, ele não emprega em nenhum lugar essa terminologia para designar sua própria dialética, logo, a forma tese-antítese-síntese não deve ser vista sem reservas impostas pelo próprio Hegel. Para ele, tal forma triádica é ainda *carente-de-conceito* e *morta*, um *esquema sem vida*, um *verdadeiro fantasma*, igualando-se ao *formalismo* já tão criticado anteriormente, pois o método científico não pode ser reduzido a uma mera tabela. Para o filósofo, o desenvolvimento dos momentos dialéticos ocor-

---

[23] HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. op. cit. p. 46.
[24] A atribuição desse modelo à filosofia de Hegel é obra, sobretudo, de um de seus discípulos, Karl Lwdwig Michelet (1801-1893).

re como algo intrínseco à realidade, à substância vivente, pois a ciência somente pode se organizar mediante a própria *vida do conceito*, é somente nela que tal processar constitui o mover-se a si mesmo do conteúdo pleno. O ser da própria coisa deriva de uma estrutura que poderia se ter como aquilo que constitui a figura específica da *razão*, sendo a exposição sistemática da filosofia especulativa, representada pelos momentos do conteúdo essente, ainda como *em-si*, que passa a um *outro*, que é a negatividade desse processo, ou seja, o se diferenciar de si, e o pôr do *ser-aí*, o retornar a si que o conteúdo realiza, se tornando resultado. Esse vir-a-ser é o próprio método científico, é a própria vida do conceito, a *razão de existir da ciência*.[25]

Esse processo pode ser tido por para Hegel como a busca de uma síntese, que o filósofo chamou de *Aufhebung*, traduzido por Meneses por *suprassunção*. Como o próprio Hegel diz, o método tem sua apresentação autêntica na ***Lógica***, por isso, para nossa conclusão, abriremos um pequeno parêntese e nos reportaremos à explicação dada pelo filósofo na *doutrina do ser* sobre o *Aufheben*, elemento essencial ao método que já se encontra aqui na ***Fenomenologia***[26]. Esta palavra tem, na língua alemã, diferentes significados (cessar, por um fim, eliminar conservar, manter), o que Hegel considera uma *alegria para o pensamento especulativo*[27], pois ela recobra as diferentes etapas já percorridas pelo processo dialético. Por um lado, coloca-se um fim ao processo infinito de determinação imediata da *coisa* pelo que lhe é *exterior*, ou seja, por meio de seu *outro*. Por outro lado, representa a última etapa do processo dialético, que é um retorno ao *ser* ou ao *em si* das coisas. Assim o *Aufheben* já implica em si uma significação negativa, exprimindo o resultado desse trabalho do negativo. Essa característica própria do método hegeliano, que recobre uma série

---

[25] Cf. HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. op. cit. p. 50.
[26] Ibidem. p. 57.
[27] Cf. Idem. **Ciencia de la Logica.** op. cit. p. 138-139.

de momentos e é a idéia de que o processo dialético se conclui, conservando e realizando a unidade do que parecia, inicialmente, totalmente oposto, é o que melhor especifica a inovação metódica de Hegel.

Dessa sorte, se entendermos por "método" a soma das instruções pelas quais se regulam a descoberta e a fundamentação de sentenças verdadeiras, então, devemos dizer que o que Hegel chama de "método", na verdade, não é método. Método, para ele, será o assumir desse esforço tenso do conceito, a exposição desses puros *automovimentos* da coisa mesma; é a isso que Hegel chama o *movimento dialético, o especulativo efetivo*. Somente tal método poderia almejar o posto de verdadeiro *método filosófico*, pois é apenas na *proposição especulativa* que a exposição do vir-a-ser do conceito é realizada, por isso afirma Hegel, já com um tom de denúncia:

> Esse movimento - que constitui o que a demonstração, aliás, devia realizar - é o movimento dialético da proposição mesma. Só ele é o Especulativo efetivo, e só o seu enunciar é exposição especulativa. Como proposição, o especulativo é somente a freagem interior, o retornoo não aí-essente da essência a si mesma. Por isso, vemos que as exposições filosóficas com freqüência nos remetem a essa intuição interior, e desse modo ficamos privados dessa exposição dialética que reclamávamos. A proposição deve exprimir o que é o verdadeiro; mas essencialmente, o verdadeiro é o sujeito: e como tal é somente o movimento dialético, esse caminhar que a si mesmo produz, que avança e que retorna a si. Em qualquer outro conhe-

cer, a demonstração constitui esse lado da expressão da interioridade. Porém, desde que a dialética foi separada da demonstração, o conceito da demonstração filosófica de fato se perdeu.[28]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Menezes com colaboração de Karl-Heinz Efken. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

______________. **Fenomenologia do Espírito** (do Prefácio à Percepção). Seleção, tradução e notas de Henrique Cláudio de Lima Vaz. In: **Hegel**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção os Pensadores, vol. XXX)

______________. **Prefácios.** Tradução, introdução e notas de Manuel J. Carmo Ferreira. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1990.

______________. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas** – *Vol. I: a Ciência da Lógica*. Tradução Paulo Menezes, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

______________. **Ciencia de la Logica** – *2 vols*. Tradução de Augusta e Rodolfo Modolfo. Buenos Aires: Librarie Hachette, 1976.

______________. **Auto-anúncio de Hegel sobre a Fenomenologia do Espírito (1807)**. Tradução de Manuel Moreira da Silva. Disponível em http://br.groups.yahoo.com/group/gt_hegel, versão corrigida em 21/01/2006. Acessado em 18 de Fevereiro de 2006.

[28] Idem. **Fenomenologia do Espírito**. op. cit. p. 57.

ARANTES, P. E. **Origens do Espírito de Contradição Organizado**. In: **Ressentimento da Dialética**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CHAGAS, E. F. **A Questão do Começo na Filosofia de Hegel** – *Feuerbach: Crítica ao Começo da Filosofia de Hegel na Ciência da Lógica e na Fenomenologia do Espírito.* In: Revista Eletrônica de Estudos Hegelianos, Recife/PE, v. 2, n. 01, (2005). Disponível em http//:www.hegelbrasil.org/rev01e.htm. Acessado em 18 de Agosto de 2005.

CIRNE-LIMA, C. R. **Dialética para principiantes**. 3ª ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

D'HONDT, J. **Hegel e o hegelianismo**. Lisboa: Editorial Inquérito, 1982.

DÜSING, K. **Georg Whilhelm Friedrich Hegel***: Idealismo especulativo e dialética.* In: FLEISCHER, M., HENNIGFELD, J. (orgs.). **Filósofos do Século XIX** – *Uma introdução*. Tradução de Dankwart Bernsmüller. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 90-112.

HEIDEGGER, M. **Hegel e os gregos**. Tradução de Ernildo Stein. In: **Sartre - Heidegger**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 405. (Coleção os Pensadores, vol. XLV)

INWOOD, M. **Dicionário Hegel**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. (Dicionário de Filósofos).

JAESCHKE, W. **O divino em todas as partes do sistema**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, edição 217, p. 10-19, 30 de Abril. 2007. Entrevista. Disponível em: http://www.unisinos.br/ihu. Acessado em 11 de Junho de 2007.

LIMA VAZ, H. C. **Por que ler Hegel Hoje?** In: DE BONI, L.A. (org). **Finitude e Transcendência**. Porto Alegre: Edipucrs, 1995. p. 222-242.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 5ª edição. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: FCG, 2001.

SCHUBACK, M. S. C. **O começo de Deus**: *A filosofia do devir no pensamento tardio de F.W.J. Schelling*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TIMMERMANS, B. **Hegel**. Tradução de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 76. (Coleção Figuras do Saber; v.12).